

# bulunga

março de 2024 - número 27



**Neste número  
resolvemos entrevistar  
uma cachorra  
de verdade**

## EDITORIAL

Tivemos que nos render à Inteligência Artificial e realizamos, neste número, algumas experiências com imagens, como a da capa, além de outras que ilustram artigos da edição deste mês. Até tentamos produzir textos inteiros, mas ficaram piores do que os nossos, porém, sem os erros gramaticais com os quais os nossos leitores já devem estar acostumados, e por isso iriam estranhar.

Como funciona o processo de criação dessas imagens pela Inteligência Artificial? Acreditamos que o programa pega aleatoriamente algumas fotos da internet, com base nas palavras-chave que indicamos, e sai fazendo as composições (ou sobreposições), insere uma gambiarra porqueira e depois dá uma “renderizada”.

O resultado é até legalzinho, parece real, mas poderíamos fazer melhor, se não fôssemos tão preguiçosos.

Alguns leitores que ainda insistem em estar vivos devem saber que temos mais de 60 anos, somos saudosistas, ainda falamos da final do campeonato brasileiro de 1975 entre Cruzeiro e Internacional, que teve Joãozinho, Nelinho e Raul de um lado, e Paulo César Carpegiani, Figueiroa e Manga do outro. Também costumamos jogar damas na Praça Sete (o Jorge se mudou e deve ter encontrado outra Praça Sete lá em São Paulo) e gostamos de falar dos tempos em que no Brasil as coisas funcionavam sem perversão e corrupção.

Estávamos atuantes nos tempos da ditadura militar, sofremos a censura de textos bobos, mas a coisa hoje está pior, pois nem piada se pode fazer.

Mas vamos levando até onde der, cientes de que poucos são os que ainda se animam a ler alguma coisa que tenha mais de três linhas. E esperamos que a Revista Bulunga sobreviva a esses tempos de burrice.

## VIVA A DEMOCRACIA!

Depois de percorrer os corredores do supermercado, aquelas fileiras estreitas e cheias de vidas, onde não raro nos apaixonamos pelo doce-de-leite, o achocolatado ou biscoitos de morango, peguei a minha cestinha, com um pouco de cada, bem pouco, diga-se de passagem, e me dirigi ao caixa, onde a minha carteira foi literalmente pisoteada pela atendente, que, inicialmente, me conquistou com um sorriso amigável, olhares sapecas, mas depois destruiu o meu pobre coração ao me deixar completamente sem recursos. Sequer se ofereceu a liberar o cupom de desconto do estacionamento, e praticamente tive de implorar-lhe para autenticá-lo, e com muito custo, diante de uma fisionomia enfezada e nada amistosa, jogou-o na minha direção, com desprezo.

Eu sei que, nos tempos atuais, estamos sujeitos a tudo, desde as propagandas enganosas, embalagens com dimensões cada vez menores e uma série de agentes tóxicos descritos por hieróglifos nos rótulos; luz ultravioleta, pisos escorregadios, carrinhos dirigidos por brucutus de ambos os sexos, trombadinhas, impostos, taxas, e a famigerada remarcação dos preços. É um ambiente inóspito, um campo de batalha, onde temos de disputar a sopapos aquele produto em promoção, e a última barra de chocolate de 100 gramas, mas que vem com 80 gramas, com o preço de 120, enquanto ouvimos o som execrável de cantores desafinados, letras vulgares e o som ignóbil e degradante.

No estacionamento, as vagas são parcas, os acessos difíceis, e a concorrência faz parecer a disputa das 24 horas de Le Mans. Salve-se quem puder!

Infelizmente, o jeitinho brasileiro contaminou todos os aspectos da vida hodierna, e quem não se encaixar nesse “modus operandi” tupiniquim, está fadado ao deboche e sarcasmo dos velhacos. Fazer o quê!

Com o preço e a qualidade dos produtos, otários somos todos os que correm mais que os outros, os que trapaceiam mais que os outros, os orgulhosos mais que os outros, os metidos mais do que os outros... e, não me fale dos espertalhões! Esses são o suprasumo da idiotice e arrogância, confinados em seus quarto-e-sala, achando-se no Taj Mahal. Todos, sem exceção, levam pernadas dia e noite, semana sim, outra também, e nessa guerra de egos e “esperteza” ninguém se salva, vence ou ergue o prêmio...

E se você acha que ganhou, não se esqueça de reparti-lo com o “Leão”, pascácio!

E viva a democracia!!!

Max Ipiranga  
(leitor - Ipatinga/MG)

# ESTA ENTREVISTA FOI UMA **CACHORRADA!**

A nossa entrevistada do mês é uma típica representante da espécie Canídea, porém, sem raça definida, pois é considerada “mestiça”, o que lhe deu uma aparência interessante, uma pelagem preta brilhante, com detalhes marrons no focinho, no peito e nas patas, semelhante a um Doberman, mas o focinho é mais delicado, talvez por ser fêmea, e as orelhas são pequenas e caídas. O nome dela é Lila, tem 5 anos e pesa 42 quilos.



BULUNGA – Você prefere ser chamada de cachorra ou cadela?

LILA – As duas formas são utilizadas pejorativamente pelos humanos... Prefiro que me chame de Lila, apenas isso.

BULUNGA – Tudo bem. Você é ainda muito jovem... 5 anos apenas.

LILA – Na verdade, já estou na meia-idade.

BULUNGA – Como assim?

LILA – Animais do meu porte, do tipo grande, geralmente, vivem entre 9 e 10 anos. Mais do que isso é uma raridade.

BULUNGA – Não acha muito pouco? Sei que



existe uma proporção de sete anos humanos para cada ano canino, mas ainda assim parece não dar tempo para aproveitar a vida.

LILA – Já está bom demais. O que mais eu teria que fazer nesta vida, além de comer, beber água, defecar, cheirar os fiofós dos outros cães, correr atrás de gatos e procriar? Mas nem isso posso fazer, pois fui castrada ainda bem novinha.

BULUNGA – Que maldade! Sua vida se assemelha com a de alguns seres humanos que conheço. O problema é que muitos deles procriam e geram seres humanos

LILA – Não necessariamente... só não gostamos muito dos “caramelos”: são uns vagabundos oportunistas. Parecem muito com os seus políticos. Também não gosto dos Pinchers: são muito irritadinhos.

BULUNGA - Você prefere que se refira a seu cuidador como “dono”, “tutor” ou “cuidador”?

LILA - Ah, isso tudo é uma frescura danada. Alguns de nós temos donos, outros tem tutores, cuidadores, mas também abusadores, carrascos, algozes, torturadores, sequestradores... tanto faz! Pode chamar como quiser.



ainda mais detestáveis.

LILA – Na verdade, conheci humanos em situação muito mais degradante do que a minha. Muita gente deprimida, parecendo zumbis.

BULUNGA – Entre os cães existe algum preconceito com relação a raça e sexo?

BULUNGA – Pela sua fala, parece que já presenciou algumas situações desagradáveis com os seres humanos.

LILA - Uma amiga minha tem uma “patroa” (vamos falar assim) que é completamente maluca. Exige que durma com ela na cama, mas ronca como um urso (a patroa), não toma banho, não escova os dentes, não sai

para passear com a minha amiga, nem dá comida e água para ela direito. Já falei para ela fugir, mas ela não tem coragem.

BULUNGA – Qual a razão disso?

LILA – Ela utiliza o conceito de que “tá ruim, mas tá bom”.

BULUNGA – Já ouvi isso algumas vezes, por parte dos humanos. E você é bem tratada?

LILA - Os meus donos são gente boa. Me levam no pet shop toda semana tomar banho, a comida é quentinha – eu não como ração – e a água está lá, sempre limpinha, na minha vasilha. Tenho até aquelas caminhas chiques para dormir. Um luxo só!

BULUNGA – Você não gosta de ração?

LILA – É claro que não! Já provou alguma vez? Não tem gosto de nada. São feitas com sobras as sobras das sobras do lixo, e a base são cascas de arroz e de soja. Misturam com legumes podres e vísceras de animais, pele e ossos. Trituram essa porcariada toda, acrescentam aditivos químicos, deixam secar e colocam naquelas embalagens bonitas.

BULUNGA – Você come a mesma comida

dos seus patrões?

LILA – Quem dera... Eles comem filé, salmão, risotos, bacalhoadas, maionese, salpicão... só sinto o cheirinho. Dá até água no focinho. Para mim eles fazem uma comida a base de frango, legumes e arroz integral. Com pouco sal. Todos os dias é a mesma coisa.

BULUNGA – E você não se cansa?

LILA – Fazer o quê? Já tentei fazer greve de fome, mas não deu para segurar por muito tempo.

BULUNGA - Você tem pedigree?

LILA - Você sabe o que é um pedigree? Nada mais do que um documento criado por associações que não tem qualquer configuração legal, e que serve apenas para cobrar mais caro pelo comércio de um animal. É aviltante! E você não pensa que pode ser falsificado? Quem é que vai fazer exame de DNA em um cachorro? E a resposta é não: não tenho pedigree.

BULUNGA - O que você acha do comércio de cachorros?

LILA - Não posso falar que sou contra, pois é a única forma que encontramos para sobreviver com dignidade. É claro que, com isso, precisamos



assumir os costumes humanos, como vestir roupinhas ridículas, tomar banho, passar perfume, mas o que a nossa espécie mais gostaria é ter liberdade para ficar cheirando os fiofós uns dos outros.

BULUNGA - Existe entre os cães a profissão de sommelier de cocô e xixi?

LILA - Certamente! É uma arte passada de geração para geração. Existem especialistas tão refinados que com uma rápida cheirada conseguem determinar a idade, raça, sexo, peso e detalhes da composição da comida que o cão ingeriu. Mas poucos conseguem essa proeza. É preciso dedicação e muito estudo.

BULUNGA – O cão é realmente o melhor amigo do homem?

LILA - Com certeza. Mas a recíproca não é verdadeira.

BULUNGA - Por que não?

LILA - Os homens só querem usar os cães. Preencher a solidão. Amenizar a depressão. Exercer a sua veia ditatorial.

BULUNGA - Vocês conseguem entender a fala dos humanos?

LILA – Com perfeição. Também sabemos falar vários idiomas. Mas preferimos nos fazer de bobos, ou os humanos mudariam o seu comportamento com a gente. Começariam a competir, a nos hostilizar, a nos exterminar, a partir do momento em que nossas opiniões divergissem das deles. Preferimos ficar no au-au mesmo.

BULUGA - O que você achou daquela música que diz “troque o seu cachorro por uma criança pobre”, de Eduardo Dusek?

LILA - Fiquei meio decepcionada. Gostava das músicas dele, principalmente de “Nostradamus”, que tinha uma letra muito

louca, apocalíptica, e acho que ganhou um Festival da Canção. A música do cachorro tem uma letra preconceituosa, racista, fascista, sexista, xenofóbica.

BULUNGA - Existem essas questões de feminismo e machismo entre os cães?

LILA – Não: cada um possui a sua função na matilha. Imagine se eu e as minhas amigas vamos querer marcar território em postes e árvores? Só mesmo os estúpidos humanos para tentarem inverter os seus papéis.

BULUNGA - Você não se incomoda de andar de coleira?

LILA – Ah, já me acostumei, da mesma forma como alguns humanos se acostumam a usar terno e gravata. Tem explicação? Isso é ainda mais estúpido se pensarmos que estamos em um país quente como o Brasil. Coisa de povo colonizado.

BULUNGA – A crise já chegou no universo canino?

LILA – Com toda força. É assombroso o número de cães que é abandonado. O problema é que esses cachorrinhos de madame dão muita despesa, e assim os donos, quebrados, logo se desfazem deles, pois os preços das rações, remédios, vacinas, tapetes higiênicos, banhos, estão um absurdo. Cachorro vira-lata é mais tranquilo. Por isso já tem cão de raça fingindo que é de rua. Rola no barro, entra no meio do mato para embolar algumas folhas e gravetos no seu pelo e só assim consegue ser adotado.

BULUNGA – Você tem algo mais a acrescentar?

LILA – Au, au, au-au-au-au.

BULUNGA – O que isso quer dizer?

LILA – Nada. Estava zoando. Fazendo cachorrada. Valeu!



# GRANDE OTELO

## O PEQUENO NOTÁVEL

**Jorge F. Isah**

Recentemente, assisti ao filme “O dono da bola”, de 1961, estrelado por Ronald Golias, Norma Blum, Carlos Imperial e Costinha, em que o Grande Otelo interpreta a si mesmo, como uma estrela do “Show Business”, não somente nacional mas internacional, o que de fato e historicamente já havia acontecido em sua carreira. A verdade é que a participação, mesmo pequena, por pouco não faz sucumbir e ofuscar as estrelas; e olha que estamos a falar do “Bronco”, humorista de quatro costados, como o meu pai definia alguém incomparável no que fazia. Ele tem uma naturalidade espontânea e quase sempre fulgurante; do alto dos seus 1,50 m, preenche e inunda a tela com sua verve cômica, alegre e divertida. Parece não atuar, e se o faz, não é algo espinhoso, árduo, a se sacrificar, mas inato, próprio, como dormir, comer, respirar... Por vezes é possível vê-lo se divertir consigo mesmo, com o seu histrionismo nada pedante, como se estivesse a zombar de si ao interpretar um bufão, vaidoso e megalômano. Ao rir e fazer rir, não nessa ordem, havia uma crítica velada mas reflexiva, quanto ao homem e a sociedade egoísta, narcisista e pretensiosamente afetada em sua artificialidade.



Em tempos de vitimização e militância, onde qualquer um pode ser visto como coitadinho, oprimido ou injustiçado, Otelo, a despeito da infância pobre e órfã, não se entregou aos choramingos e reclames, arregaçou as mangas e se virou, e muito bem, na vida.

Hoje, enquanto uma parte se diz alvo de preconceito e intolerância, se vitimiza à espera dos favores alheios, seja do governo ou da sociedade, outra se sente culpada pelas vítimas, mesmo que não existam de verdade e não tenha movido um dedo para produzi-las (sim, existem casos de discriminação e injustiça, mas em esferas que praticamente ninguém se importa ou move a consciência e apelos); Otelo, assim como outros grandes nomes, se fez por si mesmo ao mostrar talento, determinação e gana para vencer as batalhas surgidas e não se sentar no meio do caminho a chorar as pitangas (para bom entendedor, não é necessária tradução).

Nascido em Uberlândia, Minas Gerais, em 18 de outubro de 1915, Sebastião Bernardes de Souza Prata, filho de Antenor Prata e Maria das Dores de Souza, perdeu o pai quando tinha dois anos, esfaqueado, e, aos oito, foi dado de presente pela mãe alcoólatra à dona da Companhia de Teatro Mambembe, dirigida por Abigail Parecis, mudando-se para São Paulo.

Desde a mais tenra idade era atraído e, por que não, seduzido, pelas festas populares e religiosas, seus fogos, cores, multidões, cantorias, danças entre tantos elementos a fascinar e cativar a sua alma. Aos sete anos, pela primeira, experimentou atuar em um circo que visitava a cidade natal. Dessa época, descreveu-se:

“Pra mim, a primeira entrada que eu fiz foi uma beleza porque eu já era assim um palhaço da cidade, com a pouca idade que eu tinha. Então naquele dia o circo encheu mais pra ver o Bastiãozinho (...). Eu tinha uns sete anos...Bastiãozinho vestido com um vestido comprido e um travesseiro no bumbum e rebolando, de braço com o palhaço. Aí todo mundo riu, todo mundo a-



chou graça. Em 1926, com apenas 11 anos, ingressou na “Companhia Negra de Revista”, composta exclusivamente por artistas negros, entre eles, Pixinguinha, que era o maestro, o músico Donga e a atriz e cantora Rosa Negra. Suas apresentações tornaram-se conhecidas, e um jornal da época noticiou:

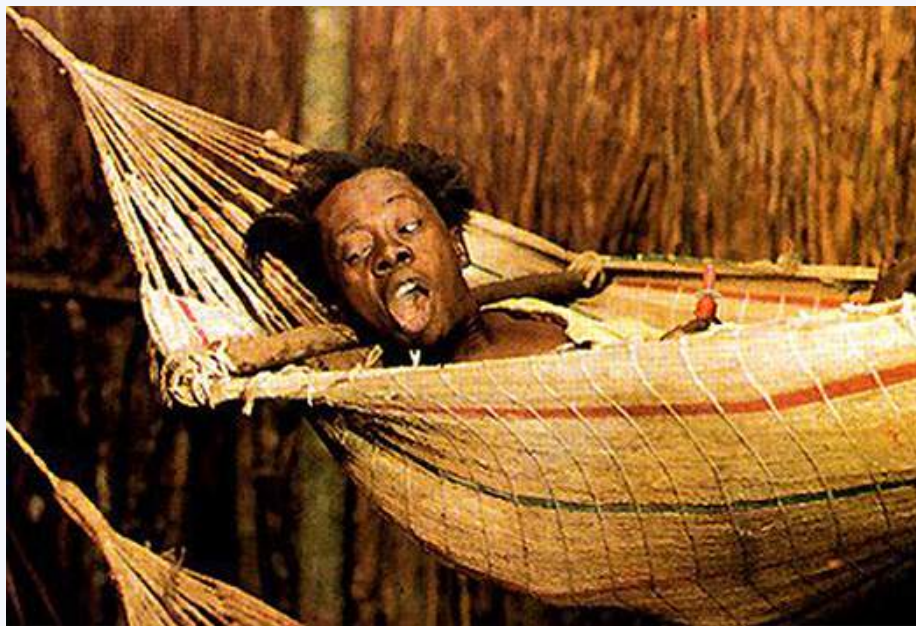
*“Faz parte do elenco como número de grande atração o grande Othelo, um pequenino artista que é um verdadeiro assombro. O pequeno grande artista canta em diversos idiomas, com uma verve e uma espontaneidade extraordinárias. Jornaes de São Paulo e de diversas cidades chamaram-lhe de o maior artista do idioma portuguez.”* (Jornal do Commercio).

Após sucessivas fugas, e muitos tutores depois, foi adotado pelo político Antônio de Queiroz, e chegou a estudar no Liceu Coração de Jesus.

Em 1932, entrou para a “Companhia Jardel Jércolis”, um dos pioneiros do teatro de revista.

No cinema, Grande Otelo foi um dos grandes destaques, e junto com Oscarito (de quem já falamos em outra edição), talvez o maior nome da “Atlântida”; lá protagonizou o filme “Moleque Tião” (1943), de José Carlos Burle, o primeiro sucesso da produtora.





Foi na “Atlântida” que encontrou o seu grande parceiro de tantas películas de sucesso, “Oscarito”, e se tornaram a dupla mais famosa e bem-sucedida do cinema brasileiro. Entre muitas das produções em que atuou, destacam-se: “Noites Cariocas” (1935), “Este Mundo é um Pandeiro” (1946), “Três Vagabundos” (1952), “A dupla do Barulho” (1953), “Matar e Correr” (1954), “O Dono da Bola” (1961), “Assalto ao Trem Pagador” (1962), “Macunaíma” (1969), “Fitzcarraldo” (1982) e “Quilombo” (1984).

Recebeu várias premiações, como:

- Troféu Candango como Melhor Ator no Festival de Brasília em 1969 por sua atuação em “Macunaíma”.
- Ainda por “Macunaíma”, recebeu também o prêmio Air France e a Coruja de Ouro do Instituto Nacional de Cinema.

Além disso, a Academia Brasileira de Cinema e Artes Audiovisuais anunciou que a partir da 23ª edição, o Troféu Grande Otelo seria incorporado ao título da premiação, que passou a se chamar Prêmio Grande Otelo do Cinema Brasileiro<sup>23</sup>.

Essas e muitas outras, são testemunho do talento e da contribuição de Grande Otelo para o cinema brasileiro.

Na década de 50, na Tupi do Rio de Janeiro e na TV Rio, os programas eram transmitidos “ao vivo”, e não havia gravações, regravações, vídeo-tape e tecnologias que somente chegaram quase uma década depois).

A partir de 1960, realizou diversos trabalhos na TV Globo. Entre os mais conhecidos estão: a Escolinha do Professor Raimundo e a telenovela Renascer.

Outros programas de destaque: “Bandeira 2”, “Uma Rosa Com Amor”, “Bravo”, “Espelho Mágico”, “Maria, Maria”, “Feijão Maravilha”, “Sinhá Moça”, “Mandala”, “República e “Chico City”.

Com Oscarito, Grande Otelo teve cenas memoráveis. Juntos, formaram a dupla mais amada, respeitada e profícua do circuito

nacional, talvez comparada somente com o quarteto “Os Trapalhões”.

Alguns dos sucessos da dupla: “Noites cariocas” (1935):

“Este mundo é um pandeiro” (1946)

“É com este que eu vou” (1948)

“Metido a Bacana” (1950)

“Barnabé, tu és meu” (1951)

“Três vagabundos” (1952)

“A dupla do barulho” (1953)

“Matar ou correr” (1954)

Casou-se três vezes: Em 1948, com Lucia Maria Pinheiro, com quem teve um filho, apelidado de “Chuvisco”, morto pela própria mãe a tiros aos seis anos. Lucia, após assassinar o pequeno Elmar, suicidou-se.

Em 1954 casou-se com Olga Vasconcellos.

Por fim, com a dançarina Joséphine Helene.

Teve quatro filhos.

Morreu em 1993, aos 78 anos, no Aeroporto de Paris “Charles de Gaulle”, acometido de infarto fulminante.

Deixou para as gerações futuras um acervo rico e variado, onde interpretou comédias, dramas e paródias. Além de atuar, era cantor, produtor, compositor e um dos primeiros a trabalhar no Teatro de Revista e Chanchadas. Colaborou com nomes de repercussão mundial, como Orson Wells, Werner Herzog e Klaus Kinski.

Por falar em Kinski, pai da linda e talentosa Nastassja, durante as filmagens de Fitzcarraldo, realizado na selva peruana, o

ator alemão chegou à loucura. Otelo precisava fazer uma cena em inglês, mas resolveu fazê-la em espanhol, idioma que Kinski não conhecia. Irado, saiu do set e foi para o “camarim”.

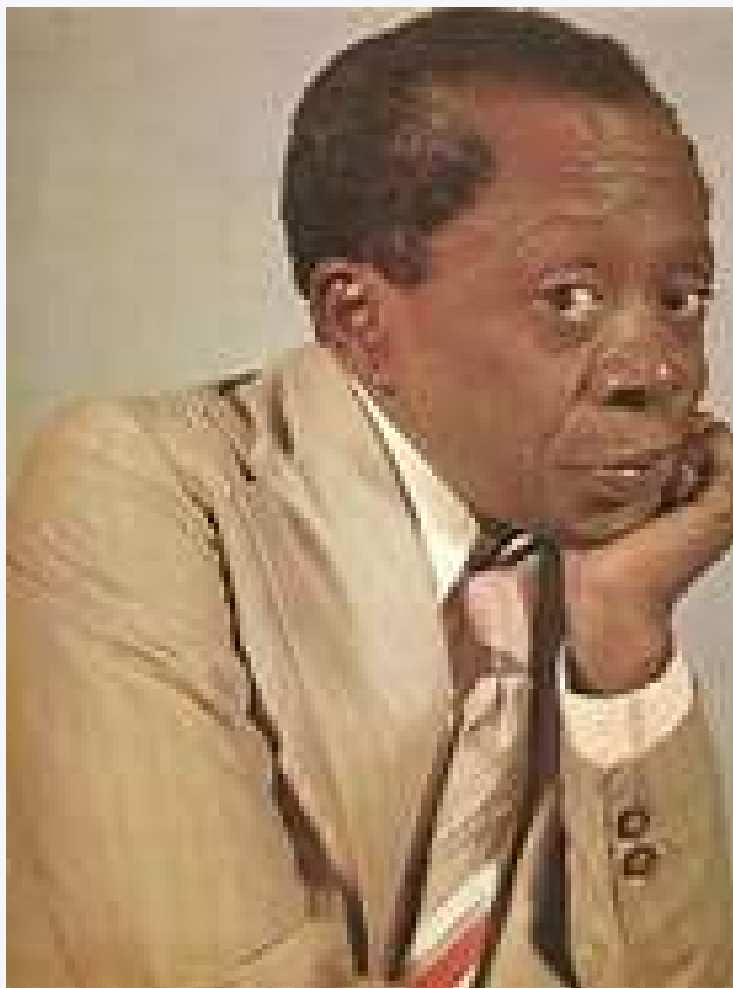
Herzog disse, que na estreia do filme na Alemanha, essa foi a única cena aplaudida pelo público.

Esse foi o Grande Otelo, capaz de rir e fazer rir em qualquer situação.

### **Frases:**

“Todo ator é um sentimental. Do contrário não seria ator. A gente tem de ser um doido, um sentimental, um idealista. Se não for assim, não poderá ser um bom ator.”

“Tenho estado arrasado, embora não o pareça, pelo fato de não ser ouvido nas ideias que tenho.”



“Voar, voar, voar  
Pra ninguém me alcançar  
Amanhã você vai ficar nervosa  
Impaciente, saudosa  
Desta vida que você acha  
Acha que é dolorosa  
Eu sei disso melhor do que ninguém  
Já passei por isso também”  
(Poema “Dorme Agora”)

“Eu não sei se foram meus olhos  
Não sei se foi tua voz,  
Eu só sei que quando nos vimos  
Maravilhosa, maravilhosa  
Aconteceu entre nós  
Ao som de velhas canções  
Vamos vivendo curvas emoções  
Pra nós dois houve até luar  
E ouve serenatas de serenar”

“Estou correndo atrás  
Do tempo que já passou  
No tempo que está passando  
Não sei mais pra onde vou”  
(Poema “Estou correndo atrás”)



# AS TIMES GOES BY

conto de **Michel Salomão**

Estava no intervalo do almoço e esperava pela chegada do meu pedido. Escolhi um Bife à Cavalo, mesmo sem entender a razão do nome, pois vem com arroz, feijão, batata frita, salada de alface com tomate e o tal bife, que pode ser um contrafilé ou qualquer outra parte menos nobre do boi, e por cima um ovo frito, com a gema mole, era o que esperava, pois detesto quando deixam passar do ponto, mas de cavalo sabia que não tinha nada, a não ser usassem carne de equino, mas não fazia sentido o ovo fazer o papel de montaria, ou seria bife à galinha, galo, ou pinto, dependendo do que saísse da casca, caso fosse chocado, mas demorei a entender a jogada dos ovos em cima do bife, que representaria o cavalo, mas aí deveriam ser dois ovos em cima, e não um só, se é que entenderam a jogada.

Mas não importa: quando me virei, vi que a mulher da mesa ao lado olhou para mim, abrindo um longo sorriso, e cumprimentou-

me alegremente. Meio sem jeito, respondi ao cumprimento, mas fiquei bastante perturbado, porque aquela seria a mulher mais linda que teria visto em toda a minha vida. Lembrava um pouco a atriz Ingrid Bergman, mas só que melhorada, se é isso que era possível.

Ela podia ter me confundido com algum conhecido, sei lá, dizem que existe ao menos um sósia espalhado pelo mundo, para cada ser humano, mas a verdade é que, ao ver aquela mulher deslumbrante, veio aquela sensação popularmente conhecida como “é muita areia para o meu caminhãozinho”, e fiquei, por uns instantes, meio pra baixo, pois bateu um baita complexo de inferioridade, mas fiquei ainda mais surpreso quando a mulher se levantou, veio até a minha mesa e pediu para se assentar.

Todo sem jeito, disse que sim, levantei-me, puxei a cadeira, esperei que se acomodasse, empurrei a cadeira de volta e retornei ao

meu lugar, como dizem que um cavalheiro deve fazer, mas não sabia exatamente como agir dali em diante. Pediria uns minutos para ir ao banheiro e tentaria fugir pela janela?

Com uma desenvoltura irreal, ela se apresentou e disse que era representante de uma empresa de seguros, e que havia percebido que eu possuía um bom perfil para cliente, por ser ainda jovem, aparência saudável, esportista (mal sabia ela que não era nada disso), e que, por essa razão, o meu plano seria mais barato, mas havia ainda outras grandes vantagens, como direito a uso de sala vip em aeroportos, descontos em lojas, e que depois de quinze anos eu poderia res-gatar os valores corrigidos, caso não faleces-se nesse intervalo.

Minha vontade era perguntar logo onde deveria assinar, mas tive a fabulosa ideia prorrogar a situação, pois poderia render mais se eu dissesse que teria que pensar a respeito, e assim ela não teria como me dispensar após atingir o seu objetivo, e trocaríamos os nossos telefones, marcaria com ela em outra ocasião, talvez em meu apartamento, quando poderia até surgir uma chance de... vocês sabem. É claro que sabem.

Não sou um tipo de beleza comum, e posso dizer que pareço um pouco com um Humphrey Bogart que bateu com a cara no muro e que se recompôs após uma série de operações plásticas, mas as mulheres sempre diziam que eu tinha um charme especial, e resolvi acreditar. Sou grandão, peso 120 quilos bem distribuídos em 1.98m, o que faz muita diferença para a maioria das mulheres, perdoem-me os nanicos.

Marquei com ela na sexta-feira, às 21 horas, no meu apartamento... e ela topou! Estava no papo, pensei. Aquela semana demorou a passar, pois naquele exato dia os relógios do mundo parecem ter combinado de andar mais lentamente, mas acabou anoitecendo.

Comprei um monte de coisinhas que as mulheres gostam: patês, queijo gorgonzola, croutons para misturar na salada de alface com rúcula, molho pesto e coisa e tal. Ela chegou pontualmente. Estava mais deslumbrante do que no restaurante: vestia um conjunto de saia e blazer creme, por baixo uma blusa cor de ferrugem, uns brincos delicados nas orelhas, com pedras verdes,

combinando com o pingente do colar fino, que parecia ser de ouro. Não sei por que razão estou fazendo esses comentários, pois mais pareço um desses digital influencers efeminados da internet, mas parece que fez luzes nos cabelos, naturalmente louros, que esvoaçavam como se tivesse um ventilador ligado, em sua direção. E tinha mesmo, mas desliguei, porque percebi que estava incomodando.

Ela entrou, demos dois beijinhos no rosto, mas pensei que era só um, pois esse costume varia conforme a região do país: tem lugar onde dão três beijos, outros, dois, e também um, como na minha cidade, mas ela devia ser de outro lugar, só fui saber depois, e quando foi beijar do outro lado do rosto, quase acertou a minha boca, e rimos meio sem graça.

Ela habilmente inseriu na conversa a questão dos seguros, começando pelo seguro de vida, passando pelo seguro do apartamento, do carro, do notebook, do celular, e eu estava disposto a contratar tudo o que ela oferecesse, mas não sei se foi a ação do espumante que servi, misturado com a alquimia dos lácteos, e acabamos nos atracando ali mesmo, na sala, sem ter dado tempo de pedir ao Sam que tocasse mais uma, de preferência “As Times Goes By”, nem para mostrar para ela a decoração que havia feito no quarto, com uma luz especial que mudava de cor, acionada pelo celular.

Foi a noite mais espetacular de toda a minha vida, mas, quando acordei às 11 da manhã, ela não estava mais ali. Estranhei que a sala estava toda arrumada, da forma como a faxineira havia deixado no dia anterior, e não havia vestígio de garrafas, de bandejas nem de talheres. Fui até a cozinha e havia apenas uma panela que havia utilizado para fazer um “mexidão” duas noites atrás. Voltei à sala e vi que havia sobre a mesinha de centro uma caixa contendo um remédio que o meu psiquiatra havia receitado na última consulta, e que orientou a tomar apenas meio, mas acabei tomando um inteiro, pois pensei que seria pouco e estava muito ansioso e precisava relaxar. Mas nem sinal da Ingrid. Teria sido um delírio?

\*\*\*\*\*



coluna do

# ClodoKill

Fernandes

## A podologia do oprimido

Neste mundo de vale-tudo, onde as pessoas se misturam, as coisas se embaralham e nada do que foi dito pode ser negado sem ser repetido, existem coisas a assombrar até a mente mais prolixa e volátil, para não dizer outra coisa. É possível encontrar as incoerências das incoerências, e não se ater às excentricidades e paradoxo dos achados. O homem é naturalmente complexo em suas contradições, e o que parece ser uma ofensa hoje pode se tornar em elogio amanhã, e vice-versa. A depender de quem ouve ou fala, de sobre quem se fala, talvez se fortaleça a amizade ou se agrave a antipatia. Contudo, os níveis do contrassenso e absurdo nunca chegaram a patamares tão altos; ideias e comportamentos a colidir violentamente com crenças e convicções, ao ponto de o poste mijar no cachorro e todos acharem normal.

### Atenção:

**O que você lerá a seguir não são casos de Síndrome de Estocolmo, mas tipos de patologia ainda não catalogados por estudiosos, enquanto “modus vivendi” tupiniquim.**

Ao vasculhar a web, deparei-me com um site onde certo político, condenado a mais de 400 anos de prisão por corrupção, após declarar em sua defesa ser viciado em propina, distribui conselhos sobre ... o combate à corrupção. Isso mesmo, caro leitor. Essa situação só não ganha o troféu “Óleo de Peroba” do ano, porque os excelsos tribunais do país o absolveram por “vício no processo”, após os próprios o condenarem por uma série de “supostos” desvios de verbas públicas, superfaturamento em licitações e outros salamaleques com o

erário. Parece, entretanto, não haver ninguém mais qualificado para falar em corrupção do que o corrupto, certo!

Não para por aí.

Ministros, secretários e ocupantes de cargos públicos recebem salários de estatais, todos acima dos cinco dígitos, para ocuparem concomitantemente postos de consultores, administradores, conselheiros e outros menos votados; e o pior, sem haver qualquer qualificação profissional, sem ser preciso bater ponto. Esta, contudo, não é a questão: estamos a falar de ocupantes de cargos públicos que recebem salários de empresas, enquanto o M.P. se preocupa em acusar quem não concorda com a reengenharia social e o fato um marmanjo utilizar o banheiro feminino, porque se diz mulher, enquanto cofia a vasta e cerrada barba e coça a protuberância entre as pernas.

Não é difícil entender, também, porque o Ministro da Justiça, em recente pronunciamento, disse contar com as informações do P.C.C. e C.V. na recaptura dos fugitivos do presídio de “Segurança Máxima”; e, decorridos três meses, os X9 deram em nada. A imprensa saiu-lhe em defesa, e disse tratar-se de mais um caso de fake news, pois ele não disse o que disse, mas disse o que não disse, ficou o dito pelo não dito e o sepulcral silêncio nos bastidores do poder; houve apenas o mal-entendido e a interpretação equivocada de repórteres e comentadores sem cognição. Somente ilustres veículos de comunicação, como o dele, estavam aptos a discernir convenientemente qualquer fala do governo, seguindo o rigoroso código da mais nova “Comissão da Verdade”. Alertou, ao final, o cuidado da população com as declarações equivocadas e maliciosas, sugerindo aos detratores “irem estudar”, e a população velar pelo estado democrático de direito, denunciando-os nos números telefônicos e email

disponíveis ao fim da edição.

Certo técnico de futebol, após mais um fracasso do seu time, disse, com todas as letras, não poder fazer mais do que fazia, porque não era mágico. lobista ou estatístico, capaz de levar aquele monte de pernas de pau ao melhor desempenho. Cobrado pelos equívocos táticos, disse não ser obrigado a dar satisfação sobre o seu plano, e caberia tão somente aos atletas compreenderem o seu processo criativo. Demitido, cobrou da diretoria uma explicação: “Não temos de explicar nada!”, disse um diretor. E foi levar o seu esquema 2-1-2-1-2-1-1, apelidado de “binário não binário”, para outras paragens.

E o caso daquela “modelo” do Onlyfans, formada em psicologia, e que se especializou em terapia de casais? Dizem as más-línguas que, no mínimo, cinco matrimônios foram desfeitos, após os conselhos da especialista. E, surpreendentemente, havia uma lista de espera

de nove meses, tempo suficiente para, caso o aborto seja promulgado no país, haja tempo de se livrar do filho indesejado.

Para terminar, um comerciante usou as redes sociais a fim de denunciar o crime de racismo. Não, ele não é negro, indígena, oriental, judeu ou branco. Na verdade, está mais para um semicalcasiano ou semisubsa-

riano, o que no fim das contas não quer dizer nada, já que o “racismo” alegado é pela debandada dos fregueses. Dono da mais famosa confeitaria da cidade, herdada dos pais, saiu-se a xingar e destratar os clientes das cores verde e amarela (não seria ele o racista?!), e afirmou em alto e bom som: “não precisam vir à minha loja, pois não serão bem-vindos”. A consequência foi a diminuição, em menos de uma semana, de 73% dos fregueses. Admoestado pelo sócio e irmão, decidiu retratar-se nas mesmas redes e dizer que não foi compreendido, havia má-vontade com ele, as pessoas deviam desapegar do ódio, etc e tal. Queria todos os verdes e amarelos de volta, pois os amava desde quando era criança e usava apenas vermelho. Não sei se o apelo deu certo, mas, ao menos, na nova postagem, trocou a camiseta do “Che” por uma palmeira verdejante com o cenário ensolarado ao fundo.

É por essas e outras que morar, por aqui, diverte e nos estimula a continuar prisioneiros das políticas econômicas, mulatas, samba e todos os clichês que os revolucionários amam criticar nos outros, enquanto não se cansam de desfrutá-los descaradamente.

\*\*\*\*\*



**WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010**

# FUTEBOL E BUMERANGUE



Hoje, quero falar de futebol. Sim, aquela coisa meio insana, psicótica, a catarse a levar multidões ao choro, desespero, sofrimento, efusão e, muitas vezes, à morte. Não falo dos recorrentes distúrbios e crimes praticados por certos torcedores, mas aquele velhinho com cinco pontes de safena e trinta e cinco “stents” a sofrer um infarto quando o seu time do coração faz um gol ou sofre. Roma e o Coliseu que o digam. Mas o brasileiro, conquanto tenha a diversão predileta e o velho tropeiro regado a Coca-Cola ou milho fermentado como se fosse malte e lúpulo, estará satisfeito para levar a sua vidinha como sempre levou: escassa, abreviada, contida. Não tenho dúvidas de que, caso não houvesse o ludopédio, seria algo menos aguerrido como o “Curling e Tchoukball”... Ah, você não sabe o que é?... Deixa pra lá! Esqueça, é melhor.

De volta à grama e pelota, é possível ver como os rostos se contraem, os músculos se retesam, o nervosismo e a ansiedade tomam conta das arquibancadas e cadeiras, seja nos estádios, bares ou residências, durante os poucos mais de noventa minutos. Os exageros são tantos e as expressões viscerais e afetadas pululam que se poderia confundir qualquer um deles com loucos ou soldados no front (há quem diga serem ambos a mesma coisa), literalmente com sangue nos olhos. No fim das contas, todos voltarão para suas vidas, a rotina diária da qual não conseguem escapar, sem qualquer mudança ou alteração, durante 98% do tempo, até poderem encarnar novamente o doidivano a la “Rambo” ou “Justiceiro”.

Algo contraditório e insano são os analistas de futebol, mormente os menos estudiosos e dispostos a todo o tipo de lacração. São esses



a denunciar a religião, enquanto praticam descaradamente o seu culto; condenam Deus e se entregam de corpo e alma aos seus ídolos; querem estabelecer regras para limitar os braços erguidos aos céus, os sinais da cruz, as orações e pensamentos metafísicos, enquanto berram, gritam, se exasperam e escorraçam qualquer um não alinhado à sua seita. Negam a religião alheia enquanto praticam a sua. Não passam de ditadorezinhos e defecadores de regras, dispostos ao mais baixo e servil proselitismo ou catequese esportiva.

Não sou contra o futebol ou qualquer esporte; sou contra os malucos, os sicários, e os pseudodemocratas a comandar os seus exércitos de neófitos, sejam velhos ou novos, estejam a pouco ou muito tempo nas fileiras, tenham urticária, rinite ou flatos... Sabe aquela velhinha doce e amável, incapaz de pisar em uma formiga e, caso o faça e perceba, rezeirá três terços como penitência, mas nos estádios se transforma: pragueja, insulta, cospe e usa todos os adjetivos obscenos ao dirigir-se à mãe do juiz? E aquela criança meiga e tímida que iça o dedo médio em riste para o deleite do câmara e dos espectadores da TV?... Como explicar isso?

Em tempos de crise moral, ética e espiritual, o esporte pode ser o céu, inferno ou purgatório. Em uma mesma partida, pode chegar aos três estágios sem muito esforço.

Sem que se tenha a devida consciência de estar em um, dois ou em todos ao mesmo tempo; um pé lá e outro cá até fincar os dois definitivamente na areia movediça da esperança no próximo fim de semana ou campeonato. E nem o mais ferrenho crente ou o mais obstinado ateu se vê livre do ídolo mais próximo e da religião sem Deus, ou melhor, com alguns ou muitos deuses. Ah, alguém dirá: eu odeio futebol! Então tá, cara pálida! Mas onde está o seu político esnobe e fausto? Ou o dinheiro milagroso? O sexo cultural? O fetiche por drogas, rappers, pets fofinhos e a camada de ozônio? E os adoradores da “ciência”, estatísticas, prisões arbitrárias e pelotões de fuzilamento?... Ah, não se pode esquecer das selfies, os biquinhos e chamegos, além dos “posers” daquele grupo (me recuso a chamar de “coletivo”, que não passa de um ônibus quase sempre superlotado) ao qual querem pertencer, mas nunca são aceitos?

Tudo isso, porque o homem, em sua presunção e arrogância, nega a Deus e prefere cercar-se das suas deidades. É uma necessidade natural e, portanto, nada a fazer a não ser se tornar fantoche do próprio orgulho.

Fico, contudo, com a máxima proferida por Cristo: “Aquele que não tem pecado, atire a primeira pedra.”... Muitos, infelizmente, jogá-la-ão, sem saber que, como um bumerangue, será o próximo atingido.

**Kim Jordan**



## Optica MetrÓpole

Rua da Bahia, nº 1052 - Centro - Belo Horizonte - MG - Tel. (31)3226.3212



# O DECLÍNIO DE UM HOMEM

Jorge F. Isah

Este foi um livro que me trouxe angústia. Lê-lo foi, por inúmeros momentos, uma tarefa difícil. Não tanto pela escrita de Dazai, a qual é fluente, simples, sem eufemismos, digressões ou hermetismo; pelo contrário, ela é simples como também o é a história. Cheguei mesmo a pensar estar diante de um autor beatnik, como Bukowski, em termos narrativos, nos pensamentos caóticos, no niilismo e uma fatia generosa de autodestruição. Entretanto, se o alterego de Bukowski é um valentão, másculo e irascível em sua inflexível aversão à humanidade, disposto a se embriagar, pegar o primeiro rabo-de-saia, como a revirar lixo sem a expectativa de encontrar algo útil e aproveitável (é possível notar aspectos nitidamente jactantes, de superioridade e desprezo), o personagem principal de Dazai é fraco, maleável, inseguro e daí vem a sua "aversão" às relações sociais. Em linhas gerais, ambos, cada um à sua maneira, foge para a bebida, drogas e sexo como o navio, em meio à tormenta, busca o ancoradouro seguro mas

encontra apenas o naufrágio inevitável. Ambos, em suas fraquezas e inaptidões, a despeito da intrepidez e valentia de um, a covardia e pusilanimidade de outro, querem fugir de si mesmos, malgrado o fazerem alegadamente por causa do(s) outro(s); com isso, não se turbam a estragar os leais, ingênuos e sinceros, aliando-se aos traiçoeiros e tóxicos. O afundar-se cada vez mais é questão de tempo, e em seu errático destino, talvez o objetivo inconsciente e permeável.

Julgar personagens (não muito ficcionais) não parece justo aos olhares relativistas e condescendentes de boa parte das pessoas, especialmente de leitores. A grande massa, o "populacho", de maneira geral, não se interessa por literatura e pouco se dá se Dazai era frívolo e Bukowski chucro. Estão mais preocupados em colocar comida à mesa e se divertir nas horas vagas com futebol, novela ou reality-show. Nada muito profundo ou que faça pensar. Por meu lado, ainda que originário de família pobre (eu



mesmo permaneço no “populacho”) acredito na literatura como instrumento para entender o mundo, a realidade e, também, a mim mesmo. Claro, não estou a falar de qualquer literatura, mas da boa e velha, universal bibliografia, e onde estão retratados os dramas, angústias, alegrias e o nexos social, sem as quais a vida é simplesmente o degredo da morte e a babel de emoções e palpites caprichosos... Se como os pós-modernistas afirmam com todas as letras não haver absoluto, certo e errado, por que se apressam em me condenar?... Não é possível amadurecer e aperfeiçoar-se sem julgamentos, sem avaliar erros e acertos, sem que verdades absolutas e universais sejam reconhecidas como tais, pois, do contrário, o parâmetro será tão somente o próprio umbigo, e o caminho entre ele e a mente tortuoso e inatural.

Yozo, o alterego de Dazai, é errático, de família abastada, importante e tradicional, se descobre em Tóquio, onde fora estudar, sem qualquer propósito, nada além de se tornar vadio, bêbado e íntimo de prostitutas. No decorrer da narrativa, às vezes explicita, outras velada, a culpa da sua desgraça recai sobre o pai, homem severo, de convicções e disposto a perpetuar-se nos filhos. Na sociedade japonesa, construída sobre a honra, a tradição e princípios sólidos de lealdade e moral, não podia se esperar nada diferente. Mas, sempre existem saídas e soluções para os dilemas, e ao colocá-los sobre os ombros de único homem, não é justo, e em nada resolve a questão. Yozo quis a vida que viveu, foi sua escolha, e assim o seu caráter (ou falta dele) foi moldando-se, superficial e futilmente... Ah, normalmente encara as situações com palhaçadas e pantomimas, representando outro aspecto da fugidia recusa em encarar a realidade.

Ainda que aspectos morais o aflijam vez ou outra, e filosofe acerca de sua condição, uma ideia fixa o acomete: matar-se! Vá lá!... Quem nunca pensou nisso, ao menos uma vez? Seja pelo amor perdido, a honra destruída, a desgraça financeira, ou doença incurável?

Faz parte da condição humana, cheia de dúvidas e quase nenhuma esperança. Contudo, Yozo não tem do que reclamar, ao menos inicialmente. Queima o dinheiro do pai, abandona a universidade, é sustentado por mulheres iludidas com sua beleza sem caráter; é rejeitado e deserdado pelo pai, e faz exatamente tudo o que quer, mesmo que as vezes, como o personagem “Chaves” poderia dizer: “foi sem querer querendo...”.

Ele parece ter noção do pecado, talvez não como deveria, mas de estar à beira do precipício, sem forças para voltar. A situação piora ainda mais ao tornar-se “amigo” de Horiki, invejoso e ladino, sempre disposto a aproveitar-se da debilidade de Yozo, o qual é capaz de compreender essa relação da seguinte forma:

“Horiki de coração não me tratava como um completo ser humano. Ele só me considerava como o cadáver vivo de um quase suicida, uma pessoa morta de vergonha, um fantasma idiota. Sua amizade não tinha nenhum propósito além de me utilizar de qualquer jeito que avançasse seus próprios prazeres. Esse pensamento naturalmente não me deixou muito feliz, mas eu percebi depois de um momento que era inteiramente esperado que Horiki me veria desse jeito; que há muito tempo atrás, mesmo quando uma criança, eu parecia não ter as qualificações de um ser humano”.<sup>2</sup>

Entre idas e vindas, Yozo se aproxima do “grand finale”, não a morte em si, mas a indiferença com a vida. E o fim se torna a única e última realidade.<sup>3</sup>

---

Avaliação: (\*\*\*)

Título: O declínio de um homem

Autor: Osamu Dazai

Editora: Estação Liberdade

Páginas: 152

2 - Página 100

3 - O texto da “Estação Liberdade” contém muitos erros ortográficos, de concordância e, talvez, de tradução. É ruim ver um trabalho sem esmero em aspectos tão usuais. E isso acaba por enervar e desgostar da leitura.

# PREFERENCIAL

crônica de **Michel Salomão**

Perguntei para um amigo meu, que é médico, como faço para “estacionar” e não passar dos 60 anos, pois acabei de atingir essa idade e estou vendo como é maravilhoso ainda me sentir “inteiro” e poder pagar meia entrada em espetáculos, parques e museus, entrar em filas preferenciais nos supermercados e aeroportos, ter sempre uma vaga reservada nos estacionamentos, mas ele me respondeu secamente: morra.

Muitos parentes, amigos e colegas de trabalho que chegaram a essa idade, ou até menos, estão em franca decadência, mas, na maioria dos casos, isso se deve a fracassos não deletados de nosso “hard disk”, pois os caras ficam remoendo coisas que deveriam ser esquecidas para sempre, e eu sou bom nisso, pois só me lembro de um cálculo renal que quase me matou e de um canal que tive que fazer em um dente canino, que complicou e doeu uma barbaridade, mas o resto esqueci: demissões, traições, preterições, acidentes de carro e de moto, perda de investimentos, não me lembro de nada. Costumo rir de tudo, e ainda reforço vendo diariamente shows de stand-up na internet.

Ainda não senti as dores constantes que os mais velhos sempre reclamam, apesar de perceber alguns incômodos nas juntas, a que chamo “ferrugens”, mas não tomo nenhum tipo de remédio, nem mesmo uma dipirona para dores de cabeça, mas sinto-me apreensivo com a possibilidade de um dia ter que recorrer a eles.

Contudo, fico animado de ver o exemplo desses velhinhos chineses com mais de 90 anos praticando Tai Chi Chuan em parques, lutando karatê e aikidô, como se tivessem 40 anos ou menos. O problema é que não sou chinês, mas posso fazer uma operação para ficar com os olhos puxadinhos, e aí só terei que treinar para falar tanajura, tananika, pastel flito, Yakult, yakissoba e Atari com naturalidade.

Um dia desses estava na fila preferencial de um supermercado, quando uma velhinha, que não devia ter três anos a mais do que eu, chegou por trás, com um carrinho cheio, e percebi que estava impaciente. Ela me perguntou se não teria “preferência na fila preferencial” e respondi que estávamos na mesma situação da idade, mas não satisfeita ela disse que estava gripada, e eu menti, dizendo que também

estava, mas ela argumentou que tinha problema de rins, eu falei que também tinha, e a conversa acabou ali. Paguei as minhas compras e deixei a velhinha ansiosa para trás. Para quê tanta pressa? Para morrer?



# Os desajustados

Jorge F. Isah

Este é um filmes da minha vida, quando jovem. Devo tê-lo assistido aos quatorze, quinze anos, pela primeira vez, e a sensação foi um misto de desconforto e admiração. Já conhecia Clark Gable, a quem minha mãe dizia parecer com o seu irmão mais velho, falecido em um acidente numa das muitas minas de ouro nas Gerais; Marilyn Monroe, com quem nutria uma paixão platônica e adolescente; e também assistira dois filmes com Montgomery Clift: “Rio Violento” e “Um lugar ao sol”. De John Huston, conhecia o “Falcão Maltês”, em que dirigiu o grande “Bogie” e Mary Aston (uma das vozes mais lindas e intensas de Holywood), entre outros.

Pois bem, me vi na escolha de rever “Os Desajustados” ou assistir “A Baleia”. Optei pelo segundo, mas após os minutos iniciais de onanismo, o abandonei... “Vale a pena ver de novo” nunca foi uma chamada tão providencial. Pois, bem, o filme começa com Eli Wallach (um dos grandes atores secundários de todos os tempos), Thelma Ritter (outra grande atriz) e Monroe, numa cena em que o carro desta havia acidentado-se, e o mecânico ficou deveras estonteado com a beleza da proprietária. Casada, o automóvel como único bem, Marilyn e a amiga Thelma pegam carona com Eli até o tribunal onde se realizará a audiência do divórcio.

Marilyn está muito bem no papel, no limite entre o sofrimento e a inocência, e, por que não, uma fração de esperança. Desiludida com os homens, incompreendida e de personalidade frágil, as vezes ingênua, quase pura, sabe muito bem que os homens se atraem por sua beleza, e sequer tentam

compreendê-la. Por falar em beleza, Marilyn está quase “feia”, se isso fosse possível, alguns quilos acima do peso (a cena na praia com Gable revela uma saliente barriga), o olhar cansado, as marcas da dependência em barbitúricos, insônia e os conturbados relacionamentos; quer ser apenas amada, não pela aparência mas pelo que é, tal qual parecia denunciar a sua vida privada; em buscar desnorteadamente o “príncipe encantado”, sem que houvesse a realização desse sonho.

Na época da filmagem, estava casada com o autor do conto que deu origem ao roteiro, também escrito por Arthur Miller (dramaturgo famoso que, entre outras obras, escreveu “A morte do Caixeiro Viajante”); ele estava em vias de assinar o divórcio com a ex-mulher, mas a relação com a atriz já não ia bem, e culminaria em divórcio também, no ano seguinte, o que deixou Monroe ainda mais frágil e aumentou a sua já estabelecida dependência química. Miller, talvez, tenha sido o único homem a ver nela não apenas a beleza, mas a mulher que todos desejavam mas não queriam, não na totalidade do ser. Contudo, ela era imprevisível em sua previsibilidade, instável, e cada vez mais ansiosa por afeto e carinho, algo que um único homem não seria capaz de dar, e mesmo todos não foram. A sua infelicidade era do tamanho da sua carência, e, certamente, nem todos os homens do mundo poderiam supri-la.

Miller escreveu o roteiro pensando em Marilyn, e a personagem, Roslyn, caiu-lhe como luva. Ela interpretava a si mesma. Como John Huston disse em sua autobiografia: “Fiquei muito preocupado com as atitudes e o aspecto dela. Parecia estonteada quase o tempo todo. Mas, quando voltava ao normal, readquiria um brilho impressionante. Não representava – isto é, não fingia que estava sentindo emoção. Era a própria realidade viva. Mergulhava bem fundo de si mesmo, encontrava o que tinha ido buscar e trazia à



tona, a nível de consciência. Mas talvez toda interpretação realmente boa se resuma nisso. Dava uma imensa tristeza ver o que estava acontecendo com ela.”

À medida que o filme transcorria, a mesma sensação de estranheza, de deslocamento, de solidão e fragilidade permeava os personagens, a despeito da virilidade de Gable, a obsessão doentia (às vezes cruel) de Wallach e a incompreensão selvagem e ingênua de Clift; às suas maneiras, eram cowboys, e viam em Roslyn aspectos diferentes: a amante sobre todas as amantes, a esposa perdida, a amiga maternal e cúmplice.

Marilyn é o contraponto em meio à brutalidade e estupidez masculina, entregue aos instintos mais violentos e injustificados, seja com os animais nos rodeios, seja na caça aos mustangs no deserto, seja na negligência com as próprias vidas, ao pô-las em risco desnecessário. Por falar em cavalos e deserto, a cena em que Wallach sobrevoa o pequeno bando sobrevivente de mustangs é, ao mesmo tempo, de uma beleza especial e de uma violência incontida. Ela a tudo vê, a tudo assiste, angustiada, indignada. Nesse ponto, é possível notar que Roslyn se vê na pele dos animais, tão aviltada como eles, desprotegida e abandonada pela sorte, assim como touros e cavalos. Nada resta além do desespero e a aversão aos homens.

Cada um deles busca a redenção, e mesmo ela à cata da sua acaba por ser quem possibilita-lhes a chance de obtê-la. E a vida tomar novo rumo, ser restaurada. A cena final, e o apontar para o céu estrelado, a calma e o abrigo das almas, os olhos postos no firmamento, parecem indicar o início de uma nova realidade. E lembrei-me do verso: “Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.” (Lucas 21:28)

Se estiverem postos na verdade e de maneira correta, é possível; do contrário, o que pode o homem fazer por si mesmo, além dos analgésicos enquanto a angústia e tortura

não cessam, nem trazem refrigério?

### **Algumas curiosidades:**

. Clark Gable morreu, vítima de ataque cardíaco, alguns dias após a conclusão da película.

. Marilyn teve uma overdose e faleceu no ano seguinte.

. Para ambos, foi o último filme.

. Montgomery Clift, no dia anterior à sua morte, também por ataque cardíaco, recusou-se a assistir ao filme: “De jeito nenhum!”, teria dito.

. Décadas depois, foi descoberta, em poder dos herdeiros do produtor Frank Taylor, uma cena de nudez de Marilyn, cortada do filme por John Huston, que a considerou desnecessária e impertinente.

. Marilyn, por conta do consumo de barbitúricos e álcool, sistematicamente atrasava e faltava às gravações, o que acabava por irritar a produção e atores.

. Miller, no set de filmagens, fazia ajustes ao roteiro e reescreveu vários diálogos, o que, provavelmente, levou os atores à máxima exaustão, especialmente Marilyn. Talvez, por isso, e seus exageros fora do set, ela teve um colapso e ficou internada por duas semanas, interrompendo as filmagens.

. Clark Gable recusou-se a utilizar dublê em suas cenas com cavalos.

. Miller criou a personagem Roslyn especialmente para Monroe, esperando que os estúdios percebessem as qualidades artísticas da sua mulher.

---

Avaliação: (\*\*\*\*)

Títulos: The Misfits (Os Desajustados)

Direção: John Huston

Elenco: Clark Gable, Marilyn Monroe, Montgomery Clift, Thelma Ritter e Eli Wallace

Roteiro: Arthur Miller (Baseado no conto de sua autoria, “The Misfits”, publicado na revista “Esquire”, em Outubro de 1957.

Produção: Frank E. Taylor

Música: Alex North

# coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

**Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.**

*Nelson, fico confuso com essas coisas de política, pois a gente não consegue saber quem está certo, quem está errado, quem deu o golpe ou o contragolpe. O que faço para saber se sou de direita ou de esquerda?*

**Nelson** – Você gosta de trabalhar? Se a resposta for negativa, você é de ESQUERDA.

*Quero tirar uma dúvida: masturbação em excesso faz nascer pelos nas mãos?*

**Nelson** – Faz, com certeza. Mas você pode usar um barbeador ou lâmina descartável.

*Nelson, tenho 50 anos, mas corpinho de 30. Malho todos os dias, faço natação, spinning, crossfit, faço hidratação nos cabelos, no corpo e no rosto, uso luz pulsada, e todos os métodos possíveis, mas o meu rosto não reage da mesma forma que o meu corpo. O que faço?*

**Nelson** – Já pensou em fazer um transplante de cabeça?

*Sou responsável pela contabilidade de uma grande instituição financeira e inventei uma*

*fórmula capaz de transferir centavos do saldo de todos os clientes para uma conta fantasma, aberta em um paraíso fiscal. Fico com medo do que possa acontecer se eu for descoberto. Será que corro esse risco?*

**Nelson** – Se você me der uma participação nessa conta, ninguém ficará sabendo.

*Nelson, tenho 73 anos e fiquei viúva. Meu marido deixou uma pequena fortuna para mim, e resolvi viver a vida. Mas agora estão aparecendo vários pretendentes apaixonados, vários deles com menos de 25 anos. Será que eles estão de olho no meu dinheiro?*

**Nelson** – Que nada! São rapazes carentes, doidos para serem adotados por uma bisavó.

*Moro em um apartamento com 23 cachorros e 13 gatos. Os meus vizinhos estão muito incomodados e já ameaçaram entrar com uma ação para me despejar. Será que eles podem conseguir?*

**Nelson** – Acho que eles estão incomodados com essa desproporção. Arranje mais 10 gatos, para equilibrar.

*Acho que a Revista Bulunga deveria entrar mais a fundo em questões políticas. Quase sempre é superficial, sendo que o momento político exige mais posicionamento. Você concorda comigo?*

**Nelson** – Antes bastava a gente dizer que tinha bons antecedentes para se livrar de confusões, mas hoje em dia qualquer mané que tretar com política pode pegar mais de 17 anos de cana. Deixa quieto.

# DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira

Havia prometido ao meu editor que escreveria, desta vez, algo mais pedagógico, dissertativo, sobre algum assunto que eu domine e menos sobre dar pedras neste mundo cão, no país de bananas que, definitivamente, não merece qualquer crítica injusta, pois não sabem sequer o que venha a ser isso. Mas cá estou eu com a minha metralhadora ainda mais giratória do que nunca (não sei se cumprirei a promessa de ser a última vez)!

Professor em duas escolas, cujos adolescentes, bonitos e simpáticos, ao menos lá fora e quase nunca durante as aulas, serem como pombos a espalhar vorazmente todos os vírus da estação (Dengue, Chicungunha, Covid e outras menos votadas), não é que, contaminado por uma delas ou todas, me vi quase em uma sinuca de bico?... Três dias de febre intensa, falta de ânimo para revirar na cama, e olhe que fui à médica antes de começar a piorar, quando estava apenas com dor de garganta! Mas não é sobre essa m... importada da “Copa das Copas” do “Lules” de que quero falar, mas sobre a tecnologia a serviço da maior burocracia estatal da face da Terra, e até mesmo dos subterrâneos. Sim, algo com o propósito de agilizar, facilitar e dirimir dúvidas faz exatamente, e muito bem, o contrário.

Descrevo: durante dois dias com febre e o corpo dolorido, medicado, e por volta dos trinta e nove graus, não poderia lembrar e guiar-me tranquilamente pelo site oficial da Secretaria de Educação, logar com um dos seus dez e-mails (como lembrar em qual me inscrevi, havia anos?), preencher a senha de dez dígitos, com maiúscula, minúscula, algarismos e dois caracteres especiais... Era impossível! Decidi criar outra e, três ações depois, aparece a mensagem: “Posso lhe ajudar?”, “instale o WhatsApp no seu navegador”, “abra o seu e-mail”, “digite a nova senha”... “Senha ou usuário incorretos”... Tento novamente... “Senha ou usuário incorretos”, blábláblá... Haja paciência! Finalmente, após entrar, gasto os próximos trinta minutos (na verdade mais, muito mais) respondendo perguntas óbvias, lendo ameaças veladas de punição com falta pelos míseros dois dias não trabalhados... documentos escaneados e enviados, a escolha de uma data, no mês seguinte, para a perícia avaliar se a tal “licença seria justa”.

Bolas! Moro a seis ou sete minutos de táxi da tal perícia médica terceirizada, no meu caso seria mais cômodo ir diretamente lá (como fiz uma vez, quando o sistema não funcionou)... gastaria menos tempo do que com os trâmites digitais. Claro, não seria o melhor



dos mundos para outras pessoas, mas para muitos, como eu, economizaria energia e tempo a ambos os lados, para a PBH e funcionários. Mas não! Numa república de bananas, temos de mostrar que estamos na vanguarda tecnológica, pois tudo agora é digital e via web, como se fosse possível cagar por dígitos e se livrar das matérias excretadas via lixo eletrônico.

Continuamos os mesmos pobres a posar de ricos! Assim, são os falsos estudantes que chegam às escolas trazidos pelos pais em carrões, ou por vans pagas com os olhos da cara; de modo que a simples aparência, olhar distante, e a afetação da orbe, pudessem relacionar objetiva e diretamente o que parece ser ou se dá a entender que seja, com o que se é de verdade.

A França, além de ser grande exploradora das colônias até hoje, o oposto da Espanha, Portugal, Holanda e Inglaterra, que cessaram o colonialismo econômico, é um país com grande tecnologia, entretanto está no ranking com os menores índices de usuários; os franceses são os mais resistentes às novidades e tranqueiras cibernéticas. Ou seja: são modernos porque são, e ponto final! São modernos por serem ricos. Mas não se preocupam em aparentar, muito menos com a superficialidade digital, a ostentação gratuita e disfuncional do Instagram e TikTok; são modernos porque são! Já nós...

Finalizando, terei de repetir a saga em outro site governamental: do Estado de Minas Gerais. Vontade de fazer como nos velhos tempos, ir para a mesa de boteco e tomar uma gelada e comer uns torresmos... mesmo que tenha de aprender a beber, pois não bebo. Só para ficar sentado, olhar o nada e imaginar: “Como é bom saber que estão se ferrando, por lá, sem mim!”

# O velho e a praia – Parte I



**Jorge F. Isah**

Estava às portas de completar 70 anos, em dois meses. Tirando uma dorzinha aqui e outra acolá, podia-se dizer que esbanjava saúde. Não tomava remédios, não era dado a consultas e médicos, caminhava 3 a 4 km todos os dias, exceção aos fins de semana e quando chovia em demasia. Ia à missa aos domingos, pela manhã, e depois fazia a feira. Dirigia o carro, e ostentava a façanha de nunca ter batido, apesar de uma vez ter a lateral direita abalroada por um caminhão imprudente. Tirou a tinta original e deixou parte da sua, artificialmente. A filha ligou para a transportadora e conseguiu que fizessem o reparo. Ficou bom, nem mais nem menos. Apenas um conserto bom. Praticamente como tudo na vida, nada era exagerado ou deficiente. Podia colocar a cabeça no travesseiro e descansar, na certeza de o dia seguinte ser tão igual como hoje, quase o mesmo de ontem, e assim remetê-lo até a maternidade, quando a sua mãe deu à luz um menino chorão, vermelho e a pesar 4 kg e pouco. Nada em sua aparência denuncia-

va vulto ou excesso. Também, no dizer dela e do pai, nada anunciava incapacidade ou restrição. Como os demais membros da família, não ultrapassaria o patamar mediano, QI de 100, 1,74 m de altura, 75 kg, pardo e um bom torneiro mecânico, suficiente para jamais ficar desempregado, nem mesmo nas inúmeras e sucessivas crises econômicas do país.

Casou-se aos 29 anos, teve o primeiro filho aos 32, e a netinha aos 55. Aposentou-se aos 65, e pensou em fazer uma grande festa de 36 anos de casamento, mas o desemprego do filho e a necessidade de ajudá-lo nas contas adiou o projeto para quando fizesse 40. De lá até os 69, as coisas não melhoraram, e mesmo diante do reclame da esposa, não viu progredir a ideia da festa e, quem sabe, aos 45, não comemoraria as bodas de rubi com todas as pompas e honras a que faziam jus? Desde que a neta não engravidasse antes da hora e tivesse de se casar às pressas, hipótese rara, pois a instituição estava em franco desuso, apesar



das cobranças judiciais e pecuniárias se estenderem a avós, bisavós ou quem mais ainda estivesse vivo o suficiente para arcar com as despesas dos rebentos feitos assim, como diria, nas coxas, mas de forma efficientíssima.

O pragmatismo legal rezava na cartilha do judicialismo parental: se os genitores eram inaptos, restaria aos avós e outros membros da família a obrigação de suprir as necessidades dos netos, sobrinhos, agregados e de quem mais arrolado estivesse no processo. Não importava se era justo ou não, correto ou não; a lei manda, obedeça! - era a máxima positivista. Então, caso não houvesse nenhum acidente de percurso, e nenhuma surpresa brotasse no limiar do horizonte, as bodas de rubi estavam garantidas, do contrário, era esperar a de diamante, e torcer para ele e a mulher estarem vivos.

Contudo, a referência não era ao casal, mas a si mesmo: se tornaria, em alguns pares de semanas, um septuagenário. Nome danado de feio, mais parecendo palavrão, nome de remédio ou uma dessas doenças modernas, das quais não se sabe a origem, muito menos a cura.

Nunca imaginou chegar aos 70, e durante este tempo construir uma vida normal, como a maioria das vidas normais se consistiam. Foi à estante e pegou o álbum de casamento. Era verdade. Estava na estica, como se dizia; em seu terno cinza de listras pretas, impecavelmente alinhado; gravata borboleta azul marinho, camisa também impecavelmente branca... não dava para ver os sapatos, mas sabia serem marrons, de couro italiano, mesmo sendo confeccionados em Franca. Lourdinha estava linda, mesmo não sendo uma sumidade, envergada no vestido branco, no véu alvo como a neve, no buquê branco, de flores brancas, o sorriso branco, de dentes nevados, a contrastar com os cabelos, sobancelhas e cílios profundamente negros. Parecia uma diva, uma celebridade, linda nos trajes, na maquiagem, no esplendor do momento.

Como disse, Lourdinha não era linda: tinha os traços ligeiramente grosseiros, o rosto não era simétrico, e o lado esquerdo era ligeiramente maior e mais proeminente para fora do que o direito. Tinha, entretanto, um corpo de violão: ancas largas, cintura fina, pernas roliças e seios médios; calçava 37, 1,62 m de altura, e tornozelos carnudos. Quando a viu pela primeira vez, no trabalho, no corredor enquanto conversava com uma amiga, apaixonou-se imediatamente. Pensou, num átimo, que ela seria a mulher da sua vida. Mesmo não tendo qualquer atrativo ante aos apelos femininos da colega, algo lhe dizia: ela será minha e para sempre! À sua maneira, cortejava-a sem que ela soubesse. Elogios, galanteio, préstimos, conversa fiada e qualquer coisa a fazê-lo se notar à amada pertenciam à sua lista de táticas de conquista. Quase tudo valia o esforço, até mesmo falar do tempo, do voo dos calafates e os quitutes da dona Ermelinda. Este, por sinal, era o lugar onde quase sempre se encontravam pela manhã, antes do expediente, para tomar café com pastel frito, à hora do almoço para o sorvete napolitano e à tarde o costumeiro refrigerante e coxinha. Dia sim, outro também, gastava boa parte da sua renda com os apetites gastronômicos de Lourdinha e o seu. Não raro, uma ou outra amiga dela se beneficiava do cortejo. - Antenor, não precisa! - Lourdinha apressava-se em dissuadi-lo da conta.

Ele estendia a mão espalmada, em sinal de pare:

- Não, de jeito nenhum! Faço questão! É um prazer!

E deixava mensalmente 40% do salário, a fazer a alegria não somente das convivas mas também de dona Ermelinda.

- Você é um menino de ouro! - Ela dizia, apertando-lhe as bochechas - O cafezinho é por conta da casa.

Exceção feita ao café, ele não gostava do pastel (a massa era dura e encharcada) e a coxinha tinha quase frango algum e farinha em excesso... Balançava a cabeça afirmativo, a tomar o líquido preto de um gole, agrade-

cia e ia de volta ao trabalho ou tomava o rumo de casa. Depois de seis meses, a cevar a relação com Lourdinha, achou por bem tomar uma decisão drástica, pois não suportava mais as pilhérias e zombarias dos rapazes quanto à situação.

- Deixa de ser frouxo, e pede ela em namoro, seu tonto! – Zombou o Gilmar.

- Mas... e se ela não quiser? – Só de imaginar-se rejeitado, Antenor afligia-se ao ponto de preferir a morte.

- Se ela não quiser?!... Você vai economizar uma boa grana! – E riu um sorriso grave, quase maléfico.

Durante dias, a gargalhada não lhe saiu da cabeça; parecia um mantra a espezinhar e fustigá-lo sem perdão. Em uma sexta-feira, depois do sorvete, aproveitou estarem sozinhos, e disse, em um misto de terror e alvoroço:

- Posso ligar para você, amanhã?

- Para quê? – A resposta foi descuidada, quase um impulso involuntário.

Titubeou. Não soube o que falar. Mas ela No dia seguinte, foram ao cinema, comeram pipoca e refrigerante, depois perambularam pela cidade, e, em um dado momento, pouco antes de embarcar no ônibus que a levaria para casa, ela puxou-lhe o rosto e deu-lhe um beijo, de supetão. Antenor, entre o mudo e o sufocado, guardou o cheiro da sua pele, o sabor e maciez dos lábios, da língua, em um ébrio a apoderar-se dele por dias e dias seguidos. Largou-o, quando o coletivo parou, entrou e, da janela, acenou e disse, fazendo o gesto com a mão ao lado do ouvido:

- Me liga!

Quase 50 anos depois, pode sentir aquele momento como se fosse hoje, e os odores e paladares assomaram-lhe novamente; e invadido tal qual naquela noite pelos mesmos tremores, arrepios e sensações a arrebatá-lo para um mundo ao mesmo tempo próximo e distante, como o sol a queimar a pele mesmo a milhares de quilômetros.



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

## IGREJA, TEMPLO E RELIGIÃO

Igreja vem do termo *ekklesia*, de origem grega, e significa “assembleia de cidadãos livres”, tendo sido empregado pelos autores do Novo Testamento para referir a uma Nova Aliança do povo de Deus. Com o tempo, passou a assumir o significado de edificação dedicada ao culto religioso, mas também era utilizado o termo “templo”, como local dedicado a cerimônias e ritos sagrados.

O primeiro templo foi construído por Salomão, depois que Deus vetou a edificação pelo seu pai, o Rei Davi, a quem considerava um homem com muitas mortes nas mãos, enquanto Salomão era mais pacífico. Mas, antes disso, por diversas vezes, Deus mandou que construíssem locais cerimoniais, assim como ordenou Moisés a erigir o Tabernáculo (Êxodo 25-27 e 30).

Não existe a obrigatoriedade de estarmos entre quatro paredes e sob um teto para cultuarmos a Deus, e Jesus até nos orientou a nos fecharmos em nosso quarto, quando formos orar, ao mesmo tempo em que exortou os seus seguidores a buscarem a comunhão com outros irmãos, o que pode ser feito no conforto de uma edificação apropriada, observadas as facilidades para o deslocamento, daí surgindo a opção de se regionalizar e multiplicar a instalação de edifícios para um mesmo propósito, criando-se espécies de “filiais” de algumas denominações religiosas.

A melhor definição do termo religião é a “reunião de pessoas com o mesmo objetivo social, moral e espiritual”, e independe de local fixo ou templo para se difundir. Contudo, nem toda religião é espiritual, e se baseia unicamente em regras de convívio buscando a paz social. Nem toda religião se relaciona com o sobrenatural, não considerando a existência de dons e milagres. Nem toda religião se baseia na Bíblia e ainda existem milhares de religiões politeístas ao redor do mundo.

Jesus seguia a religião judaica, sendo um profundo conhecedor da Torá, equivalente ao Velho Testamento (os 5 primeiros Livros), e aos 12 anos, após a Festa da Páscoa, foi encontrado no templo, sentado no meio dos mestres, escutando e fazendo perguntas. Maria indagou por que teria agido assim com os seus pais, desaparecendo por três dias, quando Jesus lhe respondeu: “Por que me procuravam? Não sabem que devo estar na casa de meu Pai”?

Jesus estava em uma Sinagoga, onde podiam ocorrer estudos e cultos religiosos, mas também julgamentos e reuniões de diversos propósitos, mas para Ele era a casa de Deus, e a Sua presença não

se restringe a esses lugares, pois Ele é o dono do Universo. Além disso, Jesus nos ensinou que “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mateus 18:20). Dentro ou fora do templo. E o nome desses pequenos grupos também é igreja.

Em Mateus 28:19-20, Jesus complementou: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. Sob esse raciocínio, podemos concluir que Jesus não ficaria satisfeito de ver os seus seguidores presos às rotinas e rituais de um templo, assim como faziam os judeus, mas os exortou a espalharem os Seus ensinamentos pelo mundo, sob um teto ou não.

Com Jesus, nasceu a religião cristã, que é diferente do judaísmo, apesar de guardar algumas semelhanças com ele, sem, contudo, se apegar aos seus rigorismos ritualísticos.

Nos dias atuais, muitas pessoas insistem em dizer que não possuem religião, mas admitem que são cristãs, desconsiderando que o cristianismo é uma religião, assim como o Judaísmo, o Hinduísmo, o Budismo, o Islamismo, entre outras, e que dentro do cristianismo encontramos centenas, talvez milhares de denominações como o catolicismo, o luteranismo, o metodismo, o anglicanismo, o adventismo, o anabatismo, e muitas delas brigam entre si para fazerem prevalecer a “verdade” que deveria ser uma só: o reconhecimento da existência do Pai, do Filho e do Espírito Santo.





Esta pode ser considerada, sem sombra de dúvidas, a melhor série exibida pela NETFLIX. Tudo gira em torno dos amigos Pedro Aguilar (Fernando Gil), Raúl (Raúl Camacho), Santi (Gorka Otxoa) e Luis (Fele Martínez), machistas convictos, mas que em determinado momento da vida resolvem fazer um curso de “desconstrução da masculinidade” e é claro que não dá certo; porém, essa experiência inspira Pedro a criar uma página nas redes sociais exaltando o machismo, ao mesmo tempo em que sua esposa, a fútil Daniela (Maria Hervás), se torna uma digital influencer famosa, defensora do feminismo, o que gera uma crise no casal.

Mas não é só isso: Luis (Fele Martínez) e Esther (Raquel Guerreiro) também estão em crise conjugal: ele, um policial de trânsito, e ela, uma instrutora de auto escola, com direito a problemas com os filhos na escola e com suas cuidadoras. Raquel merece uma homenagem à parte, com sua atuação dramática e ao mesmo tempo cômica, responsável por momentos hilários na série.

Santi (Gorka Otxoa) é o mais sensível dos amigos, defensor do feminismo, mas é o

que mais se mete em confusões as namoradas ocasionais e, principalmente, com sua ex-mulher, enquanto sua filha adolescente, Álex (Paula Gallego), o ajuda a garimpar candidatas no Tinder.

Raul está sempre as voltas com sua namorada Luz (Kira Miró), que lhe propõe uma “relação aberta” e isso dá margem às mais inimagináveis situações. Mas ainda tem a simpática empregada de Pedro e Daniela, Patrícia (Karol Luna), que sempre se mete nas confusões dos patrões, muitas vezes funcionando como cupido, além de envolvê-los em seus dramas pessoais.

A série está em sua segunda temporada, e podemos afirmar que a segunda é tão boa quanto a primeira, e ninguém poderá dizer que os personagens são caricaturais, pois todo mundo conhece alguém que é exatamente daquele jeito, numa mistura de ridículo, patético e dramático.

As feministas podem pensar que se trata de uma desconstrução do machismo, mas na verdade o seriado desconstrói também o feminismo e até as ideologias de gênero, pois nada escapa dessa exposição da ridicularidade humana.



# MÚSICAS QUE MARCARAM ÉPOCA

Roberto Carlos foi um ídolo da música brasileira, nas décadas de 1960 e 1970, e recebeu grande influência de cantores românticos franceses dos anos 1950, bem como de Elvis Presley e dos Beatles, fazendo uma mistura danada que recebeu o título de “yé-yé-yé” (como no refrão de “She Loves You, yeh, yeh, yeh”). Emplacou grandes sucessos, fazendo dupla com Erasmo Carlos e também com Wanderleia, até ser contratado pela Rede Globo de Televisão para fazer o seu terrível Especial de Fim de Ano, durante uns 50 anos ou mais. A imprensa tentava encobrir um grande mistério, de que teria uma perna de pau, mas com o tempo descobriram que era uma prótese de plástico ou outro material qualquer, que de tempos em tempos precisava ser lubrificada com óleo de máquina.

Mas estamos aqui para falar especificamente de um de seus sucessos, a música “Como Vai Você?”, que poderia ganhar um título mais adequado: “Melô da Dona Candinha”. O personagem da música é um cara curioso e inconveniente, pois não percebe que a garota lhe deu um belo fora, mas ele insiste na relação, que acabou há tempos, e fica mandando recados. Vejam aí:

## Como vai você

Roberto Carlos

### Como vai você?

#### Eu preciso saber da sua vida

Logo de cara, dá para perceber o quanto esse sujeito é chato. “Ai, eu preciso saber da sua vida, porque estou dodói”. Prá quê? Vai ajudar a pagar as contas da garota?

### Peça a alguém pra me contar

#### Sobre o seu dia

#### Anoiteceu e eu preciso só saber

Ele gosta de uma fofoca. E quer colocar um terceiro na jogada, um X9, só para “apimentar” a história.

### Como vai você?

#### Que já modificou a minha vida

#### Razão de minha paz já esquecida

#### Não sei se gosto mais de mim

#### Ou de você

Já ouvimos essa conversa antes, principalmente da boca desses agressores de mulheres, sob a alegação que a garota tirou o seu sossego. Vai trabalhar, vagabundo, e larga de pegar no pé dessa mulher.

### Vem, que a sede de te amar

#### Me faz melhor

#### Eu quero amanhecer ao seu redor

#### Preciso tanto me fazer feliz

Que cara mais egoísta! Ele quer “se fazer feliz”, mas a garota que se dane. Sujeito folgado...

### Vem, que o tempo

#### Pode afastar nós dois

#### Não deixe tanta vida pra depois

#### Eu só preciso saber, como vai você?

Já afastou, seu mané. A garota está em outra. E você aí se derretendo, com um belo chapéu de touro na cabeça. Ela não está nem aí pra você. Desinfeta!

### Como vai você?

#### Que já modificou a minha vida

#### Razão da minha paz já esquecida

#### Não sei se gosto mais de mim

#### Ou de você

De novo essa mesma conversa fiada. Essa menina deveria ganhar uma medalha por ter aguentado um mala assim. E não deve ter sido por muito tempo, pois logo de cara ela deve ter percebido que o cara era um chato de galochas.

### Vem, que a sede de te amar

#### Me faz melhor

#### Eu quero amanhecer ao seu redor

#### Preciso tanto lhe fazer feliz

Agora ele diz que quer fazê-la feliz. Truco! Será que o vacilão não percebeu que a garota já deve estar feliz com outro? Que sujeito chato!

### Vem, que o tempo

#### Pode afastar nós dois

#### Não deixe tanta vida pra depois

#### Eu só preciso saber, como vai você?

Está vendo? Ele só quer fazer fofoca. Quer fuxicar a vida da garota, postar na internet, para ganhar views. O nome dele deve ser Léo Dias. Mas ele não parece gostar de garotas. Deve ser outro chato qualquer.

Envie sua sugestão para comentarmos outras produções por meio de nossos “especialistas ultra-especi-alizados” em músicas dos mais variados tipos.



# PIADAS LAMENTÁVEIS



O pai comprou um robô detector de mentiras, que dava tapas nas pessoas quando mentiam.

Então, decidiu testá-lo no jantar, e perguntou:

- Filho, onde esteve hoje???
- Na escola.

O robô deu um tapa no filho, que respondeu:

- Ok, vi um DVD na casa do Zé!!!
- Que DVD???
- Toy Story.

O robô deu outro tapa no filho, que choramingou:

- Tá bom! Tá bom!... Era pornô.

O pai disse meio irritado:

- O quê???! Quando eu tinha a sua idade, nem sabia o que era filme pornô!!!

O robô deu um tapa no pai.

A mãe ri, e disse:

- Tal pai, tal filho!!!

O robô deu um tapa na mãe.

Silêncio total...

Qual é o animal que não vale mais nada?

O javali!

Por que o bombeiro não gosta de andar?

Porque ele socorre!

Por que a loira tem chulé apenas no pé esquerdo?

Porque, quando era pequena, a sua mãe dizia:

- Lava esse pé direito!

O que pediu o astronauta claustrofóbico? Um pouco de espaço

O filho pergunta pro pai:

- Pai como eu fui feito?

O pai responde:

- O papai tem um palito e a mamãe um buraquinho, coloquei o palito no buraco da mãe, e você nasceu!

No dia seguinte, o garoto pega um palito e coloca no buraco da parede, e sai uma baratinha.

O menino diz:

- Oh, peste feia dos infernos!... Só não te mato porque você é meu filho!

Qual é o nome do carro que mostra que vai chover?

Celta preto!

Sabe o que o livro de Matemática falou para o de História?

Não me venha com histórias porque estou cheio de problemas!

O professor disse:

- Hoje estou bem-disposto. Quem responder corretamente a minha próxima pergunta pode sair da sala de aula”.

Assim que ouviu isso, Joãozinho atirou com violência o lápis do outro lado da sala.

- Quem fez isso? – O professor perguntou.
- Fui eu, disse Joãozinho. Agora posso sair?

O que o tubarão disse quando comeu o peixe-palhaço?

Que gosto engraçado!

O que um prédio falou para o outro?

Nossa, você tem um andar maravilhoso!

\*\*\*\*\*